

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DE CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
9 e 12 de novembro de 2020

FELLINI – SATYRICON / 1969 (*Satyricon*)

um filme de Federico Fellini

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Bernardino Zapponi e Brunello Rondi, a partir do romance *Satyricon* de Petrónio / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Montagem:** Ruggero Mastroianni / **Direcção Artística:** Danilo Donati e Luigi Scaccianoce (cenários concebidos a partir de esboços de Federico Fellini) / **Guarda-Roupa:** Danilo Donati / **Música:** Nino Rota / **Caracterização:** Rino Carboni / **Intérpretes:** Martin Potter (Encólpio), Hiram Keller (Ascilito), Salvo Randone (Eumolpo), Max Born (Gíton), Fanfulla (Vernáquio), Mario Romagnoli (Trimálquio), Capucine (Trifena), Alain Cuny (Licas), Pasquale Baldassare (Hermafrodita), Donyale Luna (Enótea), Magali Noel (Fortunata), Lucia Bosé (mulher suicida), Joseph Wheller (homem suicida), Antonia Pietrosi (Matrona de Éfeso), Wolfgang Hillinger (soldado), Luigi Montefiori (Minotauro), Elisa Mainardi (Ariadne).

Produção: Alberto Grimaldi para PEA / **Cópia:** 35mm, cor, diálogos em italiano com legendas em inglês e eletrónicas em português, 135 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, 1969 / **Estreia em Portugal:** 16 de Janeiro de 1975, no cinema São Jorge.

Aviso: a cópia denota já algum desgaste em projeção, traduzindo-se este na existência de riscos e alguma degradação cromática na imagem.

Embora o romance não seja propriamente o género literário que mais costumamos associar à literatura da Antiguidade Clássica, é facto que teve uma voga enorme a partir do final do século II a.C., primeiro na literatura grega, de que se conservam cinco romances, e depois nas letras latinas, onde os maiores expoentes deste género foram Petrónio, autor do *Satyricon*, e Apuleio, que escreveu um romance conhecido pelos títulos *Metamorfoses* ou *O Burro de Ouro*. Todos estes romances, tanto os gregos como os latinos, ostentam, à excepção de um (*Dáfnis e Cloe* de Longo), as mesmíssimas características: viagens, raptos, naufrágios, piratas... Todos os ingredientes, em suma, do romance de aventuras que, na Europa, a partir do século XVII, tanta popularidade teria e que desaguaria, alguns séculos mais tarde, nas histórias romanescas oferecidas ao mundo por uma cidade chamada Hollywood. É interessante notar, a este propósito, que pelo menos um dos romances antigos, *As Etiópicas* de Heliodoro, contém já uma antevisão assombrosa, no que respeita à questão da focalização narrativa, das técnicas propriamente cinematográficas: o romance abunda em “zooms”, “travellings” e outras coisas no género, pelo que se recomenda a sua leitura a todo o cinéfilo interessado em descobrir a pré-história das técnicas narrativas da sétima arte. Todos os romances antigos fazem convergir as peripécias narradas num casal de jovens apaixonados, que os naufrágios, raptos e piratas separam durante a maior parte da narrativa, mas que se conseguem sempre juntar num “happy end” final, depois de terem resistido heroicamente a ataques rocambolescos à sua castidade.

Ora, o *Satyricon* de Petrónio é justamente uma sátira a este tipo de romance. Em vez do par habitual da menina de boas famílias, espectacularmente bonita, e do seu jovem apaixonado, também de uma grande família e incrivelmente bonito, Petrónio deu-nos, em substituição, um

“ménage à trois” homossexual: dois estudantes de “retórica” (o que, em Roma, corresponderia aos nossos estudantes universitários), Encólpio e Ascilto, e o jovem *cinaedus* (expressão latina que denomina uma personagem do sub-mundo do erotismo, algures entre prostituto e “travesti”), por quem ambos estão apaixonados, chamado Gíton. O romance chegou até aos nossos dias num estado muito fragmentado, começando e terminando abruptamente com várias lacunas pelo meio, mas a história principal - em que Petrónio “encaixou” uma série de outras (a da Matrona de Éfeso é a mais célebre) - conta as desgraças que sucederam a Encólpio depois de ter sacrilegamente presenciado ritos em honra do deus Priapo, divindade que os antigos representavam, como se sabe, sob a forma de um gigantesco falo em erecção. O castigo de Encólpio é a impotência sexual, que, no filme de Fellini, só é ultrapassada quando o herói (ou anti-herói...) se une à maga Enótea (que lembra um pouco a grotesca Saraghina de **Otto e Mezzo**): no romance de Petrónio, nem isso lhe vale.

Sobre a pessoa do próprio Petrónio, continua a pairar a dúvida. O mais provável é que tenha sido a figura do mesmo nome, que aparece na obra historiográfica de Tácito: misto de Oscar Wilde e do Duc des Esseintes do romance *À Rebours* de Huysmans, este Petrónio foi o *arbiter elegantiae* do imperador Nero, ou seja, a figura na corte do imperador capaz de inventar as diversões mais sofisticadas para deliciar o augusto psicopata. Acabou por se encontrar em maus lençóis, tendo de recorrer ao suicídio (tal como Séneca e Lucano, outros escritores e intelectuais contemporâneos). Até a morte de Petrónio foi romanesca: mais ou menos indeciso, cortou e ligou as veias uma série de vezes, sempre ao som de música e de leituras de poemas escabrosos, até que, finalmente, se decidiu pela morte. Chegou-se a aventar a hipótese de o *Satyricon* ter sido ditado por Petrónio entre as veias abertas e as ligaduras, mas já Voltaire classificou essa ideia de totalmente absurda. Não deixa, contudo, de ser pitoresca e, de certo modo, adequada ao autor do *Satyricon*.

E com isto tudo, mal se falou do filme intitulado **Fellini-Satyricon**. Mas também me parece que o enquadramento do filme na tradição literária antiga é absolutamente fundamental para a compreensão do mesmo: apesar de ter incluído o seu nome no título do filme, **Fellini-Satyricon** é, na sua maior parte, uma adaptação para o cinema do romance de Petrónio. E com esta afirmação, podemos agora debruçar-nos no que Fellini trouxe de novo ao original latino. Pondo de parte questões de pormenor como o facto, por exemplo, de Ascilto não morrer no original, temos pelo menos quatro sequências totalmente originais no **Satyricon** de Fellini: a dos suicídios do jovem César (Nero?) e do casal estóico. Haverá qualquer relação entre estes suicídios e o de Petrónio árbitro? Boa pergunta, que só Fellini estaria apto a responder. A sequência em que Encólpio tem de enfrentar o Minotauro também não foi escrita por Petrónio; e a do Hermafrodita também não: mas ao contrário do que sucede com a inclusão dos suicídios, o Minotauro e o Hermafrodita confirmam o carácter grotesco e caricatural, presente desde o início do filme, que falseia totalmente o romance original. Claro que isto não é uma apreciação negativa: o cineasta não tem obrigação nenhuma de “respeitar” seja o que for; mas para quem conhece o dito original, o facto de Fellini ter optado por uma interpretação tão... felliniana, digamos assim (no sentido de ser disforme, grotesca, aberrantemente barroca), não deixa de fazer uma certa pena, pois, em Petrónio, a beleza e fugacidade da vida, o prazer e o deboche, o amor e o cinismo fundem-se numa poesia subtilmente perfumada que oblitera, por completo, o cheiro da putrefacção dos corpos (ou melhor, talvez, dos espíritos), que, bem ou mal, predomina no filme de Fellini: basta referir que o romance de Petrónio termina com a leitura do testamento de Eumolpo, onde se diz que só quem comer o cadáver do defunto poderá herdar os seus bens, seguido de eclipse (ou lacuna), ao passo que, no filme de Fellini, temos mesmo à nossa frente uma agradável cena de antropofagia. Mas, diga-se a verdade, o último plano do filme, depois de a voz “off” sugerir que Encólpio encontrou um novo amante, quando vemos as personagens de Fellini transmudadas em frescos fragmentados junto a um mar “inteiramente azul” (Sophia de M.B.A.), só muito dificilmente fecharia melhor um filme baseado nos fragmentos mais preciosos da história do género romanesco.

Frederico Lourenço